

O QUE PRETENDE O GOVERNO?

O operariado, sempre que contra o governo da República se organiza um movimento revolucionário, apresenta-se decidido a defender as instituições. Fátio porque tenha um grande amor aos princípios republicanos, uma profunda veneração pelos seus homens, um verdadeiro reconhecimento pela obra social dos seus legisladores? Não. Fátio para evitar o triunfo precisamente doutros políticos, de vistas ainda mais acanhadas, de espírito mais reaccionário.

Seja como for, a verdade é que, sempre que a República se encontra numa hora difícil, sempre encontrou o apoio do povo trabalhador. No último movimento reaccionário, isso mesmo se viu. E sabe-se muito bem que uma das causas do triunfo por parte do governo foi precisamente esse apoio da população que demonstrou a falta completa de atmosfera moral para o acto revolucionário.

Como se compreende, pois, que, após a vitória obtida contra os elementos conservadores, o governo tenha adoptado uma atitude de perfeita hostilidade contra os militantes da organização operária? Com o pretexto de liquidar o caso da Legião Vermelha, cuja organização nunca defendemos, têm-se feito perseguições a operários que nada têm com essa instituição.

Vê-se que o governo não cuida senão de encontrar uma maneira de ser agradável aos próprios elementos conservadores, contra os quais a opinião pública continua a clamar de balde.

Vê-se que o governo, contando com a não hostilidade do operariado, o ataca, para com esse ataque procurar amansar a fúria monárquica, o que aliás não consegue, pois que os inimigos do regime, sentindo o governo fraco, o agredem com toda a espécie de insolências, fazendo o mesmo ao chefe do Estado.

Protestamos contra esta confusão que se pretende fazer entre crimes comuns e a acção honesta da maior parte dos trabalhadores. As deportações, as rusgas, todo o propósito que o governo está manifestando de envolver a organização operária em factos com que nada tem, e que ele próprio lá muito tempo claramente vem reprovando, não podem deixar de produzir um justificado alvoroço na massa trabalhadora.

Interpretando esse sentimento e julgando o nosso protesto contra os que pretendem envolver a honra do operariado nesse caso de polícia em que, por sinal, a polícia não inabilmemente se houve, confessando previamente que os tribunais absolviariam os acusados por não haver prova jurídica.

E' nestas condições que o governo manda fazer deportações e julgar os acusados fora de Lisboa. Ora desde que está em jogo a dignidade de tantos militantes operários, contra os quais se pretende fazer perseguições, o operariado não pode deixar de manifestar a sua indignação, constatando que se prepara o julgamento de presos a uma enorme distância do local em que os factos de que eles são acusados foram cometidos.

O povo trabalhador tem o direito de exigir que tal julgamento seja feito com a maior amplitude, com todos os elementos possíveis para o esclarecimento da verdade. Uma condenação feita a distância, longe do local dos acontecimentos e onde a prova testemunhal nunca poderá ser concluyente, nenhuma significação terá para nós.

Se o governo procedesse de boa fé e quizesse como nós queremos que toda a verdade se apure, não infringia os preceitos jurídicos, provocando uma excepção ao processo criminal que só pode prejudicar o apuramento das responsabilidades.

Esse julgamento devia passar-se aos olhos de todos nós, até para nos habilitar, através da discussão desta causa, a apurar quais são os operários com que a organização poderia contar como elementos honestos, apenas injustamente perseguidos pela polícia, e quais os indivíduos com os quais não poderia continuar a manter nenhuma relação de solidariedade.

Porque se não faz esse julgamento em Lisboa?

Que pretende com isso o governo?

Perante a indecisão do governo para com os elementos das direitas, atrevemo-nos a suspeitar que se trata dum golpe contra certos elementos activos do operariado, que não convém julgar à vista de toda a gente, para não provocar alarmes nem protestos.

Não será isto?

lítica, em que se verifica o destrambelhamento:

«Que remédio há senão escrever alguma coisa».

F. dizem-nos os democráticos: *Vocês são venenosos*. E logo os nacionalistas: *E' de mais! Não nos chamem Trovadores da Luta*. E o resto, a política deste pobre país, entregue não se sabe a quem nesta hora difícil de indecisões, chega a atormentar a cabeça mais bem formada.

Um horror!

Um horror, não há dúvida. O remédio para isso é não escrever coisa alguma. E, nós em vez de lhes chamarmos *venenosos* como os fizeram os democráticos, chamemo-lhes simplesmente *malucos*. Esta nota política tem porventura alguma luzidez? É, amargamente, confessamos que as outras, inseridas naquele jornal, são do mesmo tristíssimo teor.

“Odiosa ou gloriosa”?

Ainda há casos neste regime que fazem pasmar. O *Mundo* ontem pôs em destaque um desses casos que chegou também ao nosso conhecimento e nós não lhe quizeramos dar crédito. Mas o testemunho insuspeito daquele jornal obriga-nos a acreditar. Diz o *Mundo*:

«Um prémio. Parece-nos que é o que ele merece, visto que estas coisas não produzem nenhuma indignação nos elementos dirigentes. É o caso de um espanhol, morador nas Escadinhas da Saúde, n.º 2, 1.º andar, que limpa o pó da casa com a bandeira da República e vem sacudi-la para a janela com grande satisfação da talassaria da vizinhança e parece que com apuramento do pó de giro. O curioso é que há dias, pretendendo um editor afixar um cartaz anunciando um livro sobre a ditadura espanhola, o cartaz, foi, ao que nos informam, a conselho de inúmeros, e foi rejeitado para não ofender os bríos de Primo de Rivera. A seguir a uma tal atitude de subserviência parece-nos que o mais acertado era agora dar um prémio ao espanhol que limpa o pó da casa com a bandeira da República».

O cartaz em questão referia-se ao livro que, ontem foi posto à venda, com grande êxito. *A odiosa ditadura militar*. Segundo nos informam o cartaz limitava-se a repetir os dizeres que os anúncios publicados em vários jornais continham. Porque teria o governo proibido a afixação desses cartazes?

Talvez porque se classificava de *odiosa* ditadura militar. Se em vez de *odiosa* estivesse a palavra *gloriosa*, o governo que triunfou agora duma ditadura militar, aprovaria decerto a afixação do cartaz.

Ecos da última revolução



— Senhor guarda, os pacificadores do país mandaram isto lá para casa, com estas estranhas iniciais...
— Não se assuste amigo. Tratava-se dum aviso tranquilizador da União dos Interesses dos Exploradores...

CARTA DO PORTO

A propósito de Júlio Verne

Um monárquico de hoje, republicano de ontem faz uma descarada apologia da ditadura militar

O dr. sr. Cunha Costa, aquele fulgurante articulista de outrora que tanto nos arrebatou com as suas críticas, cheias de lógica e de iconoclastia, escritas no velho jornal *O Mundo* contra a Monarquia—realizou, como se sabe, uma conferência doutrinal no Ateneu Comercial desta cidade.

O tema escolhido para a dissertação literária do eminente catedrático conservador foi: *Júlio Verne, criador de energias*. É claro que perante a selecta assistência de universitários, académicos, encusados e enriquecidos, portanto, de todas as categorias sociais, o illustre conferente não podia preferir a desenvolvida citação da revolta dos cipaios contra o predomínio inglês, de cuja energia abafada em sangue se procurasse defender outra energia indispensável à expulsão do tirano estrangeiro e nacional, quer sob o ponto de vista político ou económico.

Julgou mais conveniente para a sua aristocrática opinião extrema-direita, tornar o «pobre» de Júlio Verne cúmplice relapso de todos os contemporâneos aventureiros que têm escalado o poder e convertido as respectivas nacionalidades em tremendo pasto de incêndios, de assassinatos e de saques... E para uma tal conclusão «científico-histórica», perseguiu com alguns protagonistas heróicos de algumas obras daquela homem de génio, no «laboratório» dos seus imaginários transformismos... letrados, de onde saíram, depois dos pós de perlim-pim-pim filosófico-profissionais, todos vestidos de camisa negra e armados de punhal e pistola à cata de Matteotti...

E a energia criadora para o ressurgimento pátrio conduzido pelos «freios» da cruzada à Mussolini...

A conferência brilhante do insigne homem de letras foi bem um cántico apoteótico ao futuro de Portugal entregue às guinadas ferocemente repressivas da política ultraconservadora—foi bem uma bênção religiosamente entenebrecida às jornadas épicas e sangüinárias que celebrizaram e ruborizaram as casernas de Rivera e os assaltos armados e militarizados dos Marinetti...

E por isso que o *Notícias*, que nas grandes, como nas pequenas futilidades, coloca sempre a cabeça, o olho, a boca e a mão de Deus, se lamentava: «o brilhante causeur não fôsse escutado por todos os portugueses (de elevada estirpe e de sentimentos medievais, bem entendido), que dessa conferência, por todos os títulos notável, sairiam com o coração retemperado para a luta»...

contra tudo que represente progresso de ideias livres, anticlericais e equitativas... E por isso que a mesma gazeta, que também se retemperou para a luta, é de parecer que o Ateneu Comercial, colectividade de gente *chic*, sábia, aristocrática, amante das velhas tradições do absolutismo nobre, «com uma pedra branca pode afloitarmente marcar o dia»... da conferência, porque esta foi uma rutilante apologia, um ritmo e embalador *Péan* ao terror branco, sistema húngaro ou búlgaro, suspirado pelas legiões do ultramontanhismo português.

Dai a afirmação conferencista de que «as forças vivas nada farão sem o apoio do exército», visto que a educação cívica só se ministra nas casernas... E como o talentoso orador fluentemente afirma ainda que «carecemos bem de educação cívica», ele exalta a disciplina de caserna, a qual se deve intensificar e estender... porque dela depende a humilhação de um povo e o triunfo duradouro das classes oligárquicas que se lhe assentam no cachaço a tornar ainda mais pesada a canga...

E num doce idílio com a D. Esperança numa futura queda do país nos braços sedutores duma ditadura férrea, vibrante, apaixonada, sugestivamente madrigou nas excelsas virtudes de amor a um Passado odioso manifestado, delectosamente, pela D. Reacção... E sempre amoroso, sempre conquistador, sempre galante, beijou, com fervor, estas três viúvas do Direito à liberdade estrangeiras: à Inglaterra, «que com uma guinada para as direitas pôs termo às perigosas quimeras trabalhistas»; à Itália, «que se viu quase perdida e se salvou com Mussolini»; a salerosa Espanha, que, «com

Uma interpretação errada?

Não ladeemos as questões, mas encarêmo-las de frente!

As pessoas que tenham lido o artigo que Santos Arranha publicou na *Batalha* de 5 do corrente mês, e que só de nome me conheciam, haverão suposto que me arrogue a representação da C. G. T. no comité das esquerdas, visto que dá a entender que fui eu próprio que me nomeei, o que, se correspondesse à verdade, seria de-veras singular. Ao mesmo tempo terão ficado sensibilizadas com a generosidade do meu contraditor, que em público e raso declara desculpar—! que grandeza de alma!—o que chama o meu «erro involuntário de visão».

Muito singelmente, com a reprodução da seguinte carta que venho de receber do camarada secretário geral da C. G. T., fica anulada a infeliz afirmativa de Santos Arranha:

«Meu caro Vieira. — Saúde. — Em meu poder a tua carta datada de ontem e, meu caro, não tenho dúvida em atender o desejo que manifestas—que eu também tenho—no sentido de evitar a deturpação dos factos, confundindo a responsabilidade dos indivíduos.

Eis como os factos se passaram. Quando eu, Carlos Coelho e Gonçalves Vidal, no dia dezto, pelas onze horas, aparecemos no Largo do Carmo para procurarmos entrevistar o presidente do governo, já te encontramos lá, juntamente com outros camaradas.

Como «demorasse a resposta»—se nos recebiam ou não—eu e os dois citados camaradas resolvemos realizar outras *demarches*, ficando assente que eu permaneceria no local mencionado aguardando qualquer resposta. Mas na hipótese de ser recebido, lembrei-me dos ditos camaradas a conveniência de tu me acompanhares, visto que estavas ali, certamente, movido pelo mesmo interesse, porque, em só, não aceitava a audiência.

Eles concordaram com a proposta e tu não mostraste relutância quando tal te comunicaram. Contudo a entrevista não se realizou.

Quando, mais tarde, já depois de se ter feito o comício no Rossio, foi proposta a reunião dos elementos que constituiriam o Comité das Esquerdas, eu, concordando com a reunião, declarei, ao iniciar-se esta: «Para o caso presente convindo Alexandre Vieira a acompanhar-me nas resoluções que venham a ser tomadas, através das quais é necessário respeitar as características da C. G. T.; porém, delegados responsáveis deste organismo só podem ser considerados, além da minha pessoa, Carlos Coelho e Gonçalves Vidal».

Assim se efectuou a reunião, na qual foi redigida a proclamação «peçonhenta». Não foram tomadas outras resoluções. E eu retirei-me por sentir necessária a minha presença na C. G. T.

Mais tarde avistei-me com o Comité, na companhia de Gonçalves Vidal, a quem havia comunicado quanto se passara e bem assim a outros camaradas que não são aqui chamados; e soube-me que tinha sido feita uma *demarche* e que tu fizeras parte da comissão, mas que nenhuma resolução tinham sido tomadas. Desde então sempre esteve presente Gonçalves Vidal e Lúcio Costa por vezes.

Nestas circunstâncias se por momentos assumiste responsabilidades de carácter colectivo, foi porque a tal te convidai. Fora desses momentos a tua estada no Comité era na qualidade de revolucionário e pela minha confiança que a todos merecias.

Como se trata apenas de demonstrar a tua interferência no Comité das Esquerdas como elemento da C. G. T., creio ter dito o suficiente.

Dispõe sempre do teu camarada—Lisboa, 7-9-925.—M. Silva Campos.

Corrida esta lebre, passo, sem mais demora, a examinar o fundamento da contestação ao primeiro dos seis pontos que pus.

Sustenta Santos Arranha, ao contrário do que afirmo, que perigo e perigará a independência da C. G. T. quando esta «esqueça a orientação dada à classe operária», etc. E desenvolve a seguir uma série de argumentos, para justificar a sua opinião, que considero inanes, atendendo a que partem dum ponto de vista falso.

E' que Santos Arranha admite a hipótese de que, para se fazer um entendimento nos termos em que eu o aceitei, teria a C. G. T. que «esquecer a sua orientação», e eu não defendendo nem defendi tal critério, que seria como uma abdicação, e isto pelo facto de não ser pela independência do sindicalismo a fingir, mas a sério. Sob este aspecto, parece-me que vou mesmo um pouco mais longe que o meu contraditor, visto que este deixa transparecer que apenas lhe repugnava as ligações com «agrupamentos políticos antagonistas ao espírito libertário» e eu abranço, para ser consequente, todos e quaisquer agrupamentos políticos e filosóficos, incluída, é claro, a organização anarquista.

Concretizando: quando afirmo que não há perigo algum para o movimento sindicalista com a sua ligação accidental—notem bem: *accidental!*—com quaisquer agrupamentos avançados, é evidente que não quero dizer que a C. G. T. se vá enfiar a nenhum desses organismos, nem estes àquela, mas que se faça como há pouco, em que, pelo facto de se ter realizado um entendimento entre as esquerdas, a central de sindicatos—insisto nisto—ficou com os movimentos, tão livres, para actuar no terreno que lhe é próprio, como se tivesse sido estranha àquela facto.

Em relação à segunda das questões que coloquei, objecta Santos Arranha que se a C. G. T. tivesse ficado isolada a sua acção haveria sido mais completa. E depois de apreciar, à sua moda, o que chama o *cacharoleto*, diz que o comité das esquerdas se limitou a auscultar o sentir das massas fechando num gabinete e pelo auscultador do telefone—e havemos de convir que, mesmo que assim tivesse sido, isso seria no momento algo mais arriscado do que auscultar-las... da oficina—para concluir por

apresentar um programa que, admitindo que fosse factível, espremido da isto: uma reunião do Conselho Confederal para lançar uma proclamação ao proletariado do país!

Quando a pretendida reunião do conselho, já Gonçalves Vidal mostrou, com argumentos irresponsáveis, que fora convocada na presença de Santos Arranha, tendo comparecido apenas um delegado—que não foi Arranha.

No que concerne à proclamação, oporei que o comité confederal fez isso no mesmo instante em que a U. S. O. se dirigiu ao operariado de Lisboa, como se pode ver no suplemento que a *Batalha* publicou nas primeiras horas do movimento insurreccional. E visto que se fez exactamente o que o meu contraditor congeminou depois da borrasca, não atino como possa logicamente inferir que a C. G. T. em vez de ganhar, perdeu.

Respondendo, em conjunto, aos 3.º, 4.º e 5.º pontos que apresentei, Santos Arranha não acha bem que eu conteste que ele e os militantes do seu parecer tenham interpretado o sentir das massas e, ladeando os assuntos, acrescenta que a massa não é a minha classe nem a população de Lisboa.

Nada de confusões!

Que não seja a minha classe, está bem; mas que se pretenda trazer à colação, para o caso sujeito, o operariado de fora de Lisboa, é que não está certo.

Santos Arranha não querá convencer-me que tem o dom da ubiqüidade, e visto que não pôde sair de Lisboa para conhecer, sobre o assunto, o pensamento do proletariado da provincia no espaço que mediou entre o comício e o final da revolta, evidentemente não estava habilitado, no momento em que reuniu o conselho confederal, isto é, poucas horas volvidas sobre o jugamento da insurreição, a exteriorizar o pensamento das massas da provincia acerca da ligação que aqui se fizera.

Assim, concluiu-se que só legitimamente poderia traduzir o sentir das massas de Lisboa, as únicas que então haviam tido possibilidade de manifestar-se. Ora é em relação a essas que eu contesto que se tivessem insurgido contra a constituição do comité das esquerdas. Pelo menos ainda não encontrei uma pessoa, incluído Santos Arranha, que provasse que as massas protestaram contra o que se fez. Agora se se trata, como por fim confessava Arranha, de «partes da massa», muda o caso de figura, atendendo a que uma simples unidade é já uma parte da massa.

Mas tenho o direito de excluir das tais «partes da massa» Santos Arranha, que tendo distribuído, como o demonstrou eloquentemente Gonçalves Vidal, a proclamação do comité das esquerdas, esteve também de acordo, só deixando de estar a partir do dia seguinte. Eu também conhecia esse facto, que é de-veras fantástico.

Santos Arranha concluiu o artigo que tenho vindo analisando por prometer tratar a seguir da unidade sindical, objecto do 6.º ponto que estabeleci.

Nessa expectativa estava, e certamente os leitores da *Batalha*, esperando eu que o meu contraditor atacasse o assunto sem *ambages*. Não o fez, todavia, pelo menos até agora, e em lugar de dizer-nos o que se lhe oferecesse sobre o assunto, cuja importância é manifesta, saiu-se com uma jermeniada e também com uma série de charadas que eu, fraco charadista, homem que gosta das coisas claras, não sou capaz de decifrar.

Mas nem só de jermeniadas e de charadas é constituído o seu terceiro artigo, pois igualmente lá aparecem várias insinuações, no que Arranha é aliás fértil, como estamos vendo. E lança-as de maneira que fica a gente em dúvida se elas nos atingem, como sucede por exemplo com aquela em que diz que «há quem viva entalado entre uma afirmação feita e um favor pessoal».

Porque é que Arranha, que tanto blasona de franco, não há de ser claro e preciso, deixando-se de subtilidades para expor com desassombro o seu pensamento, e também para não se confundir nos processos com os que estão do outro lado da barricada?

Pois uma vez que Santos Arranha prefere derivar, volve eu ao assunto. Não o faço depois de amanhã porque trabalhos que tenho entre mãos não me permitem, mas em breve espero poder dizer algo sobre a questão da unidade.

Ao camarada Quintal direi também duas singelas palavras na primeira oportunidade, embora o que reputo de essencial nesta discussão fique já de algum modo controvertido no presente artigo. Em relação a Aleixo de Oliveira, sucede coisa idêntica, havendo apenas a registar desde já que este último camarada está em desacordo com Arranha quando confessa que a C. G. T. nada perdeu com a sua entrada no comité das esquerdas, o que quer dizer que, sob esse aspecto, pensa como eu.

ALEXANDRE VIEIRA

Nem concordância, nem discórdância Pontos nos ii

E' deveras lamentável o confusãoismo que se tem feito à volta da atitude dos delegados, no Conselho Confederal reunido em 19 do mês de Abril, pois houve quem se pronunciasse, discordando da atitude assumida pelo Comité Confederal que, em 7 de Maio se tornou do conhecimento da mesma organização operária.

Foi o camarada Alexandre Vieira quem primeiramente tratou do assunto nas colunas de *A Batalha*, dizendo não ser como sindicalistas que os militantes se exprimam no Conselho Confederal. Pois então como foi? Principalmente eu, que fui dos primeiros a não concordar especialmente com a inclusão do centro político 5 de Outubro, que em outras ocasiões, que nunca esquecem, tem sido de uma concordância absoluta em matéria de perseguições de que a classe operária tem sido vítima.

Ainda nos não esqueceu o célebre assalto

Notas & Comentários

Com o dinheiro dos outros...

Acabou de ser fundido na Inglaterra e vai ser entregue a um templo protestante de New-York um carrilhão com 133 sinos e o peso de 50 toneladas. Este carrilhão monstro foi oferecido pelo milionário americano Rockefeller.

Milhares de miseráveis soaram e sofrerão rudes labutas nas suas minas e fábricas para que Rockefeller pudesse gastar uma grande fortuna nesse extravagante capricho dum carrilhão gigantesco e inútil. Quantas lágrimas não correram, quantos homens não sofreram para que essa voz de bronze chame ao templo protestante os fanáticos dum deus quimérico e fútil?

A tentação da asneira

O jornal da *Madeira* propriedade do riquíssimo banqueiro Vieira de Castro, ataca *A Batalha* um idiota artigo assinado pelo sr. Alfredo Pimenta.

O gesto é digno dum banqueiro, isto é, dum homem que vive do dinheiro dos outros até conseguir que ele seja «legalmente» seu, pois o artigo em que fomos atacados não pertence ao aludido jornal, tendo sido roubado à *Epoca*.

Não respondemos, de nenhum modo, a um jornal que nos ataca servindo-se do que é de outros, confundindo-o com o que é seu.

O roubo das asneiras do sr. Pimenta define mentalmente o sr. Vieira de Castro. Isto de roubar asneiras só lembrava a um banqueiro...

Tresloucados!

O *Correio da Manhã* perdeu as estribelas, debatendo-se numa confusão bastante lamentável. Em artigo de fundo diz que os bolchevistas são o poder oculto que governa, deixando nós, ao cuidado de quem nos lê, o sentenciado sobre tão atoleiçado disparate.

No mesmo artigo afirma que *A Batalha* pediu sanções severíssimas para os últimos revoltosos da Rotunda. Lector, imparcial juiz, viste nós pedirmos para os derradeiros revoltosos qualquer coisa: crueldade, benevolência, 40 anos de degredo, uns *chás* bem elegantes e femininos nas suas prisões ou simplesmente viverem com o único recurso dum salário modesto de operário?

Pobre *Correio da Manhã*! Está tresloucado de todo.

Mas não é só em «fundo». Escolhemos para demonstração, ao acaso, uma nota po-

LER E ASSINAR Os Mistérios do Povo

à casa sindical, o assalto à Batalha e Construção Civil, etc., que não teve um gesto de repulsa demonstrado por esses mesmos elementos.

Se, porém, estamos de acordo para que se combata quando as liberdades se vêm na emergência de se aniquilar, não precisa a C. O. T. firmar documentos de parceria com agrupamentos políticos, mas sim marcar isoladamente a unidade sindical, como em tantos casos tem feito.

Eu creio que a frente única está demarcada pela própria C. G. T., onde até mesmo camaradas de outras tendências se encontram, mas com centros políticos e outros elementos basta que na ocasião própria nos encontremos a agir.

Eis o que se me oferece dizer sobre o assunto, muito principalmente por ter descurado da ação do Comité Confederal e muito principalmente por ele ser tratado por camaradas que, não fazendo parte do mesmo Conselho, se anteciparam a discutir, quando, é certo que nem todos os delegados ao referido Conselho têm conhecimento, pois nada do que no mesmo se passou tinha sido publicado. E foi esta antecipada discussão que mais tem dado que falar, porque do restante já todos os militantes se encontram orientados no que diz referência a misturas a dentro da organização operária.

Terminando direi que de futuro estejamos a postos a fim de defender liberdades cercadas seja por quem for, mas marcando a organização operária a sua posição sem compromissos com elementos dela afastados.

ALFREDO PINTO

Outra carta

Camarada director de «A Batalha»:— Era minha intenção retirar-me da polémica travada nas colunas de «A Batalha» a propósito do artigo de Alexandre Vieira, por ver que, num exagero de defesa, se canalizava a questão para o campo pessoal, e por entender que o nosso jornal não é local próprio para a minha resposta a uma série de trapalhadas em forma de artigo feitas por um dos contendores.

Porem, como o dr. sr. Amâncio de Alpoim hoje se me dirige, não quero faltar a um dever de cortesia, começando por esclarecer que quasi não conhecia pessoalmente S. Ex.ª antes da noite em que um acaso me levou a encontrá-lo chefiando o Comité das Esquerdas, por sinal numa atitude grotesca de vencido que me fez lembrar—salvas as proporções—um Napoleão de operária... em Santa Helena.

Julgando-se agora atingido pelos meus conceitos, parece que o dr. sr. Alpoim não me compreendeu, naquela passagem que cita na sua carta. É que a pluralidade por mim empregada não atinge qualquer dos membros do celebre Comité, à excepção dos que se deram a qualidade de delegados da C. O. T. Esses outros elementos só terão de dar contas dos seus actos as suas facções políticas, se a tal os chamarem ou assim o entenderem.

Sim, nada de comissões, o dr. sr. Alpoim não é dos nossos... e faz muito mal em se imiscuir numa questão para onde nem sequer foi pensado.

Por este motivo pois e porque, como acima digo, não pretendo ver personalizada uma questão que deve ser decidida unicamente entre os que defendem a orientação da C. O. T. tomada em congressos, contra os que a pretendem desviar da sua directriz, e ainda porque, como já afirmei num dos meus artigos, esta questão só dentro dos quadros sindicais deveria ser tratada, não aquiescerei aos desejos de S. Ex.ª, posto que não sinto nenhuma necessidade de convocar uma sessão pública.

Mas se a alguém aprofundar tratar publicamente esta questão, tocando em pontos que nos alectem, quasi não posso comprometer a que não faltará a contravertido alguns militantes que formam nesta barricada, e entre eles o

SANTOS ARRANHA

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição—Direto 2500, pelo correio 2550
Pedidos à administração de «A Batalha»

Os rifenhos foram batidos pelas tropas francesas

TANGER, 9.—O general Colombat comunicou ao marechal Lyautey que os rifenhos recuaram em toda a linha.

Os seus efectivos variavam de 12 a 15 mil homens. Depois da vitória das armas francesas várias tribus que se mostravam hesitantes apressaram-se a fazer a sua submissão. No entanto o marechal Lyautey manteve-se vigilante, porque os rifenhos que são habilíssimos em se aproveitar do terreno podem voltar, e em grandes forças, preparar qualquer emboscada às tropas francesas, tanto mais que têm entendimentos disfarçados com as tribus pacíficas.

CONTINUAM HOJE

na sede da ACADEMIA FILARMÓNICA VERDI
Rua do Arco do Carvalho, 15, 1.º

as festas de homenagem ao jornal
«A BATALHA»

ÀS 18 HORAS—1.ª parte: Palestra sobre o Fado, por António de Almeida Henriques. 2.ª parte: Canção popular o Fado, pelos seguintes cultores: Aníbal Duarte, Luís de Almeida, António Baptista, Joaquim C. Figueiredo, Salvador Ribeiro, José Inácio, F. Almeida e N. N., sendo acompanhados pelo exímio guitarrista João da Silva e seu violão E. Caldeira.

ÀS 21 HORAS—GRANDIOSA RÉCITA—desempenhada pelo distinto grupo dramático do Clube Recreativo Os Choras, subindo a scena o drama em 3 actos

O PROSCRITO

Abrilanta estas festas um grupo musical da Academia Filarmónica Verdi

EDEN TEATRO * Empresa Conceição Silva, Limitada

HOJE—ÀS 15 E 21 DA TARDE—Dois últimos espectáculos para final da temporada

Na «MATINÉE» as crianças até 10 anos têm ENTRADA GRATUITA
Nos dois espectáculos tomam parte as GRANDIOSAS ATRACÇÕES:

MAIA HASSE, ILDA, IRMÃS MONTANI, LAS MORENITAS e MIREYA

Atraentes e variadíssimos espectáculos
Sensacionais «films» cinematográficos

A guerra de Marrocos

O ataque dos franceses parece obedecer a uma manobra imperialista

Na zona francesa de Marrocos, os combates começaram mais sangrentos e terribes. No entanto, os comunicados originaes da França dizem que as baixas são mínimas. Por outro lado o governo francês confessa que as tropas têm manobrado em condições muito difíceis e que o inimigo é respeitável e dispõe de um material moderno e bastante considerável.

A tática de Lyautey

Consta que o marechal Lyautey teve a lembrança de inventar o movimento ofensivo dos rifenhos para poder utilizar as suas tropas e conseguir ao mesmo tempo a rectificação dos limites da república do Rif. O que é verdade é que estes limites vão além da antiga zona do protectorado espanhol e encerram no território liberto por Abd-el-Krim, várias tribus que são consideradas como vivendo na zona de perigo; o que também é inevitável é que as tropas de Lyautey, há já quatro dias que penetram no território da república do Rif.

Apesar das explicações a questão internacional está em debate. No estrangeiro, na América por exemplo, os jornais fazem o reparo de que as operações de guerra do Rif interessam todas as potências que têm interesses na África do Norte.

Cremos que ninguém ignora o que isto significa.

Os comunistas contra Hindenburg

BERLIM, 9.—Os comunistas preparam grandes manifestações contra as recepções organizadas pelos elementos oficiais à chegada do marechal Hindenburg a Berlim, na próxima segunda-feira de tarde.

A polícia recebeu ordens todos os pontos estratégicos da cidade, e bem assim aqueles onde se possam dar encontros entre comunistas e nacionalistas. As organizações nacionalistas deram instruções aos seus membros para evitarem qualquer provocação e usarem em todas as emergências da maior prudência.

LEIAM AMANHÃ O Suplemento de «A Batalha»

SUMÁRIO:

A vida intelectual pelo dr. Ladislau Pácar.

A prostituição regulamentada pelo dr. Arnaldo Brazão.

Viver sem afagos não é viver, por Mário Domingues.

Operários de ontem e de hoje, por Eduardo Frias.

A epopeia do trabalho—O Ferreiro—texto de Ferreira de Castro com desenho de Roberto Nobre.

Uma noite na varanda... por Carlos de Azevedo.

Formigas e Libelinhas, versos de Saldanha Carreira.

Flores rubras, por M. D.

Ecoss da Semana.

As cozinhas do Vaticano.

Carta a um amigo por Abilio.

A vingança duma mártir por Fausto Vitor Loureiro.

O que todos devem saber... (com gravuras).

Chico, Zecas & Comp.ª (com gravuras).

Erico Braga

Este artista realiza a sua récita sexta-feira, 15, com a interessante peça «Os três anabatistas», representada há anos no teatro D. Amélia, desempenhada a ilustre actriz Lucília Simões o papel por ela criado junto de Augusto Rêsa e Eduardo Brazão.

No Japão

Sufrágio universal

TOKIO, 19.—A nova lei estabelecendo o sufrágio universal no Japão quadruplica o numero de eleitores. As próximas eleições que se realizarão em 1928, poderão trazer grandes modificações à politica japonesa.

Os jornais conservadores dizem que essa medida será muito prejudicial ao país e combatem-na com veemência. O «complot» ultimamente descoberto prova até que ponto a opinião conservadora japonesa se encontra agitada.

Injustiças dum juiz

Um ferroviário preso sem que couse alguma justificação a sua prisão

Em virtude do desastre ferroviário ocorrido em Belém, em Agosto do ano findo, foram processados o maquinista sr. Santos Velhinho, o chefe interino da estação, sr. Edgar, e o praticante sr. João Gomes Serra.

Os dois primeiros foram logo afiançados, tendo ficado preso João Gomes Serra. Contra este tem a justiça procedido da forma mais inadmissível. O praticante João Gomes Serra é o que menos responsabilidade pode ter no desastre, quer pela sua posição subalterna, quer pelo facto de se ter limitado a cumprir ordens recebidas.

Entretanto continua preso contra todas as determinações legais, não lhe tendo sido sequer admitida fiança.

O sr. Bernardo Lopes, mestre de obras, tendo tido conhecimento do injusto tratamento dado a João Gomes Serra, prontificou-se a afiançar-lo por 50 contos, quantia porque já fôra afiançado um dos outros seus colegas a quem imputaram responsabilidades no caso.

Porém, o juiz do 4.º distrito de investigação criminal, recusou-se a aceitar tal fiança, exigindo depois uma outra de 70 contos, e acabou por não admitir nenhuma.

Isto representa uma injustiça flagrante, pois a responsabilidade de João Gomes Serra, se a houvesse, seria menor que a dos seus outros colegas, não se compreendendo porque a sua fiança devessse ser maior, ou porque motivo não lhe admittem.

Só a um capricho daquele juiz se pode atribuir tal arbitrariedade.

Mas não deve admitir-se que o capricho de quem quer que seja prive da liberdade, e consequentemente, de angariar os meios de subsistência necessários à sua manutenção e dos seus.

Quando se lembrará a justiça de bem merecer esse nome, dando a este caso a única solução que ele tem?

João Gomes Serra, com fiança ou sem ela, tem incontestável direito à sua liberdade.

Professores atacados a bomba, pelos alunos

VILNA, 9.—Foram atacados a tiro de pistola e a bomba um grupo de professores que fazia parte do júri, de exames num liceu, por dois jovens examinandos. Os estudantes tinham declarado que o dito júri não procedia com imparcialidade. Um dos autores do atentado morreu ao explodir a bomba e o outro suicidou-se.

Consta também terem morrido três alunos e um professor, tendo ficado gravemente feridos o reitor do liceu e muitos alunos.

Sociedades de recreio

Grupo dramático «Os combatentes».—Hoje, récita promovida pela comissão para a fundação duma escola.

Grupo de bandolinistas e excursionistas «Boa União».—Realiza-se hoje o «pic-nic» à Senhora da Rocha, que estava marcado para o dia 3, sendo a partida às 6 e meia da manhã e regresso às 20 horas.

Concentração musical 24 de Agosto.—Hoje, matinee e às 21 horas baile abrandado por um grupo musical, sendo dançada por uma quadrilha por crianças.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de «A Batalha». (Desconto aos revendedores).

CAMARA MUNICIPAL

Uma exposição dos rosas e cravos

O vereador do pelouro dos jardins, dr. sr. Alfredo Guizado, coadjuvado pelos srs. Vieira da Silva, chefe da repartição, e Henrique Nery, inspector chefe dos jardins, tem dedicado os seus melhores esforços na organização da exposição de rosas e esplendidos exemplares de cravos, criados nos viveiros municipais, que abre ao publico no edificio dos Paços do Concelho, na província 5.ª feira.

As salas da vereação e a dos engenheiros respectivamente destinadas à exposição de cravos e rosas estão sendo adornadas com outras plantas.

O dr. sr. Alfredo Guizado vai convidar o sr. presidente da república a assistir à inauguração desta interessante exposição.

O mesmo vereador resolveu que este ano as salas permanecessem abertas até às 23 horas e mandou-as iluminar profusamente, a fim de que as pessoas que durante o dia não possam visitar a exposição por motivo dos seus afazeres, o façam à noite.

A guerra civil na China

PEKIN, 9.—O general Feng, que domina esta cidade, parece que tem estreitos entendimentos com Tchitcherine, tendo-lhe sido fornecido pela Rússia subsídios pecuniários e munições, sendo possível que a China seja dilacerada por uma nova guerra civil e que se derrotem as forças do general cristão Feng e as forças do senhor da Manchuria Sang Tse Ling.

Secção telegráfica

C. G. T.

U. S. O. Porto—Seguiri o expediente. Vamos escrever.

Procedimento inteligente da policia

Anteontem, na Rua 24 de Julho, pelas 18,30 horas, quando andavam uns rapazes brincando com uma bola, o civico 2122, da 29.ª esquadra, acercou-se deles reprimendos-os. Como os garotos fingissem, esse criatura disparou sobre eles dois tiros como se se tratasse de perigosas feras.

Tendo aparecido o pai de um deles, foi o mesmo preso, tendo de pagar 12\$00 para ser posto em liberdade, pelo horrível crime de ter um filho morto que fôra perseguido a tiro por um policia!

OS QUE MORREM

António Alves Ribeiro

Realiza-se hoje, às 15 horas o funeral de António Alves Ribeiro, aquele operário que se suicidou há dias em Sinta e que alguns jornais noticiaram ser Manuel Ramos, preso em Coimbra.

O extinto que era irmão do nosso camarada Alberto Alves Ribeiro, operário do mobiliário, gosava de gerais simpatias tendo o infante acontecimento causado profunda consternação.

O funeral saí do hospital de São José, para o cemitério do Alto de São João.

Cidália da Conceição

Faleceu a sr.ª Cidália da Conceição, esposa do camarada impressor tipográfico José Amâncio.

O seu funeral realiza-se hoje, às 15,30 horas, saindo do hospital de São José para o cemitério do Alto de São João.

Estampas 1.º de Maio

Encontram-se à venda na nossa administração as duas estampas alegóricas que «A Batalha» publicou no seu numero comemorativo do 1.º de Maio.

Preço de cada estampa 1\$50

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Trindade

«A capital federal» de Artur Azevedo e Nicolino Milano

Pega velha, mas que ainda desperta interesse pelo meio brasileiro em que se passa, «A capital federal» anda já há bem duas dezenas de anos retirada do cartaz dos teatros portugueses de opereta. A peça fez sucesso em Lisboa e no Brasil e agora mesmo foi bem recebida e para isso contribuiu o optimo desempenho que teve.

Brandão Sobrinho foi um impagavel «Seu Eusébio». De principio a fim manter com rigorosa observação a personagem nada lhe faltando na composição do curioso tipo. Pode ser classificado o seu trabalho de impecavel. Crenilda de Oliveira muito correcta, com belas atitudes de sedução, bonitas «toilettes» e maliciosa dicção. Henrique Alves distinto na sua interpretação de jogador. Justina de Magalhães achou com intelligencia e verdade o tipo «rebolado» da mulata. Santos Melo velho baixojo com bastante correcção também. António Gomes erecto na sua personagem. E um artista bastante consciencioso e não precisava de ensino para se manifestar. Os outros artistas regularmente.

Coros masculinos mais afinados que os femininos. Bem pintados os scenários, principalmente o do ar livre, que tem boa perspectiva. «A capital federal» é uma peça bem representada.

NOGUEIRA DE BRITO

Festas artísticas

Além da opereta «A Princesa dos Dollars», completa o programa da festa do maestro Cruz Braz, que se realiza no São Luis, na noite de 15 do corrente, um acto de concerto em que tomará parte a distinta cantora Tagides Tavares.

—A opereta portuguesa que pela 1.ª vez se representa no São Luis, na festa artistica da actriz cantora Aldina de Sousa, que se realiza na noite de 20 do corrente no São Luis, é da autoria do falecido maestro Manuel Figueiredo.

—A festa do actor António Paiva e do contra-rega Carlos Durão, dois elementos da Companhia Armando Vasconcelos, realiza-se no São Luis, na noite de 18 do corrente, com uma das melhores operetas do repertório desta teatro.

—Avelino de Sousa tem hoje, na «matinée» que lhe é dedicada no teatro de São Luis, uma verdadeira festa de consagração. Poeta do Fado, conseguiu reunir à sua volta, gentilmente, um brilhante núcleo de artistas dos nossos palcos, e os cantadores populares Pedro Rodrigues, António Lada e António Machado. O espectáculo começa às 2,30 da tarde, com um programa sensacional que se divide em 4 partes pela seguinte ordem: Revista do Fado, Recitação de Sonetos do homenageado, Acto de Variedades e a comédia «Leitura e Escrita».

—Este Club aceita desafios amigáveis para os 3 teams que se encontram organizados.

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Sede—Rua da Costa, n.º 116.

DESPORTOS

Seleção Nacional contra o Carcavelinhos

Hoje, no Estádio, pelas 16 e meia horas, efectua-se o último treino de apuramento da selecção que no próximo domingo se encontrará com a equipe representativa da Espanha. Deontar-se-há com o Carcavelinhos e a sua constituição será como segue: Francisco Vieira, Ferreira e Jorge Vieira, R. Figueiredo, A. Silva e Cesar P. Neves, J. Gonçalves, João Francisco, J. Delfim e Alberto Augusto.

Suplentes: A. Pinho, Vítor Hugo, Jorge Tavares e Mario de Carvalho.

A manter-se, tal como está constituída, a selecção nacional, na segunda feira seguirão os jogadores para uma cura de repouso em Montachique, medida tomada pelo seu treinador, nova entre nós mas de indiscutível utilidade.

Bemfica—Chelas em 4.ªs categorias

Hoje no campo do Sporting, pelas 15 horas, terá lugar a final desta categoria para apuramento do respectivo campeão.

Desafios para hoje da Liga de Foot-Ball e Desportos Atleticos

2.ª Categoria—Lusitano contra Estrangeirenses, no campo das Saléias, às 11 horas, juiz Marteniano dos Santos; Rio Seco contra Vendentes, no campo das Saléias, às 17 horas, juiz Alberto dos Santos.

3.ª Categoria—1.ª Serie—Triangulo contra Pedrouços, no campo da Estrangeira, às 14 horas, juiz Manuel Matias Chaves; 2.ª Serie—União Portugal contra Casalinho, no campo das Saléias, às 13 horas, juiz António Carvalho; Gibraltarense contra Bala, no campo da Estrangeira, às 12 horas, juiz Jacinto Pereira; Estrangeirenses contra Sporting de Santos, no campo das Saléias, às 15 horas, juiz Ernesto dos Santos.

Grupo Desportivo Armazens do Chiado

Comemorando o 2.º aniversário da fundação desta colectividade desportiva, realizam-se no corrente mês grandiosas festas promovidas por uma comissão especial com um programa cuidadosamente escolhido.

Grupo Dramático Musical Recreativo

Na última assembleia geral, foi proposta e aprovada a organização de uma Secção Desportiva, que ficou denominando-se Foot-Ball Club «Recreativo», sendo eleitos para dirigentes desta Secção os srs. Armando Lopes Esteves, presidente; Joaquim Dias, tesoureiro; Ismael dos Santos, secretário; e para o Conselho Technico, os srs. Benvidio Casaca, Manuel Francisco dos Santos e Carlos de Figueiredo.

Este Club aceita desafios amigáveis para os 3 teams que se encontram organizados.

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Sede—Rua da Costa, n.º 116.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 6 desta revista intitulada: «Mi Hermana», de José Martín.—Preço: \$50—Pedidos à administração de «A Batalha».

AGREMIACÕES VARIAS

Escola e biblioteca E. S. da Giesta.

—Realiza hoje uma sessão de propaganda anti-religiosa, às 15 horas, na sua sede, próximo à praça de touros de Arcosa, devendo usar da palavra os camaradas dr. Campos Lima, Cardoso Lucena e elementos do grupo libertário «Luís Michel» e do N. J. S. do Porto. Foram convidados a contradiar os oradores o abade de Rio Tinto e o sr. Alfredo da Silva, pastor protestante.

Teatro São Carlos

HOJE

A MAIS GALANTE DAS COMÉDIAS

O

SINAL

DE ALARME

Noite de permanente alegria e gargalhada

Acaba de sair:

A ODIOSA DITADURA MILITAR

O livro mais sensacional que nestes últimos tempos se tem escrito sobre os acontecimentos politicos de Espanha

DE

Restituto Mogrovejo

Antigo sargento do exercito espanhol

Traduzido e prefaciado por MÁRIO DOMINGUES

Preço 5\$00 (cinco escudos)—Pedidos à Editora Popular—Rua do Grémio Lusitano, 40, 1.º—LISBOA

«MATINÉE» AS 3 TIVOLI NOITE AS 8,45

TELEFONE N. 5474

ÚLTIMAS EXIBIÇÕES

DE

DOLORES

Segundo o drama de Bédou e Comita

NO CORAÇÃO DA AFRICA SELVAGEM

Super-documentario em 6 partes

UMA CINE-COMÉDIA DE «PAMPLINAS» -- UMA REVISTA

NA «MATINÉE» TEM ENTRADA GRATUITA AS CRIANÇAS ACOMPANHADAS

AMANHÃ—Um dos mais sensacionais programas da temporada

A DAMA MASCARADA com HINES e ROBIN

A LEI DA HOSPITALIDADE com BUSTER KEATON (PRIMICIAS)

Coliseu dos Recreios

HOJE—às 21 horas (9 da noite)—HOJE

Primeira representação da opera do maestro Verdi

OTHELO

desempenhada pelos notáveis artistas: Matilde Revenga, Maria Gar, António Marquez, Victor Damiani, Alexandre Griff e Jaime Ferre

AMANHÃ—Récita extraordinária com o célebre barítono

GALEFFI

Primeira representação da admirável opera de Verdi

</



A Conferência Anarquista de Lisboa

inaugura hoje os seus trabalhos, às 13 horas

A história do movimento anarquista português está recheada de afirmações revolucionárias. Ainda o sindicalismo vivia o seu estado embrionário já os acratas, dentro da velha Federação Anarquista, em prestavam revolucionariamente uma feição aguerrida na luta contra o capitalismo.

Alguns anos Portugal viveu em perene combatividade operária por que os anarquistas, alheados um pouco da sua fórmula orgânica, lutaram com denodo dentro de vários grupos e posteriormente à margem dos sindicatos.

Em 1911, no histórico congresso realizado em Lisboa, onde a figura eminente de Neno Vasco iluminou o nosso cérebro, o movimento anarquista viu engrandecidas as suas fileiras, com a adesão valiosa de algumas personalidades científicas.

A profunda desilusão que o proletariado experimentalmente recebia do regime republicano forçou-o a confiar no movimento sindicalista que então irrompia impetuoso e onde os anarquistas ostensivamente participavam.

Com a declaração da guerra, alguns fenómenos de ordem sociológica determinaram um enfraquecimento sensível no movimento anarquista no aspecto internacional.

A organização anarquista francesa, que era considerada a nata do movimento citado, viu os seus efectivos decrescerem, em virtude da política oportunista que os seus principais propulsores seguiram em face da guerra.

O fenómeno repercutiu-se noutros países, e uma crise formidável abriu nova fase na luta anárquica. Portugal não pôde fugir à regra. Depois de 1914 os anarquistas convergiram para o sindicalismo, e a sua acção durante alguns anos, especialmente em Lisboa, impalideceu o passado de tão fulgurantes tradições.

Num largo interregno o movimento anarquista considerou-se apagado, até que uma pleiade de elementos juvenis convocou para 18 de março de 1923, a Conferência Anarquista, que teve lugar em Alenquer.

Do que foi essa reunião, disse-nos nos respectivos relatos.

Resurgiu com este acontecimento a vida anarquista que, relativamente ao grande movimento revolucionário, tem mantido um apreciável equilíbrio.

Proseguindo na sua valorosa jornada, os anarquistas de Lisboa vão hoje na Conferência Anarquista, que às 13 horas inicia os seus trabalhos, procurar completar os seus quadros de organização.

Do valor desta assembleia pode inferir-se pelos trabalhos publicados em *Comuna* e que ali serão discutidos, que auguram ao futuro da organização anarquista cidadina uma vida próspera.

Por todos os motivos referidos, a magna reunião de hoje, na qual estão inscritos cerca de sessenta conferencistas, marcará na história como um notável acontecimento.

A ordem de trabalhos é a que ontem publicamos, devendo hoje realizar-se uma sessão às 13 horas e outra às 20.

Amanhã efectua-se a terceira sessão, às 21 horas.

O 1.º DE MAIO Em Olhão

Realizou-se em Olhão, no dia 1.º de Maio, uma sessão comemorativa dessa data. Presidiu Santos Iria, declarando a tribuna livre, ao abrir a sessão, e aludindo à data que se comemorava, ao que se referiram também José Maria Canó e Santos Valentim, delegados da F. C. Civil.

António Monteiro, delegado da C. G. T., referiu-se ao movimento reaccionário em Lisboa e apresentou uma moção que foi aprovada por unanimidade.

Manuel Joaquim de Sousa, delegado também da central dos sindicatos, expôs a necessidade da organização sindical na luta contra o Estado e o capitalismo, que foram aceites.

A sessão encerra-se com vivas à C. G. T., a *Batalha*, etc.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Associação dos Empregados Menores do Estado

A Associação de Classe dos Empregados Menores do Estado comemora hoje o 6.º aniversário da sua fundação, com uma conferência pelo professor Emílio Costa, representação do drama «Amanhã» e um acto da canção nacional.

A política dos Sôviets

A conferência anglo-russa de Londres

Os membros da conferência anglo-russa celebrada em Londres publicaram o relatório dos seus trabalhos e acordos.

Este relatório descreve as negociações entre a Federação Sindical Internacional de Amsterdão, o Conselho panrusso de Sindicatos e o Conselho Geral do Congresso das «Trade Unions», desde o Congresso da Internacional de Amsterdão em Viena, 1924, onde o Bureau propôs a ruptura de negociações com os russos, até à última reunião realizada em Amsterdão em Fevereiro último, na qual se levantaram dificuldades à filiação do movimento sindical russo à Internacional Amarela.

Estas dificuldades deram lugar a uma troca de correspondência entre Trotsky e Fred Bramley, respectivamente, presidente dos sindicatos russos e secretário das «Trade Unions» inglesas, e em seguida motivaram a realização da referida conferência de Londres.

A resolução mais importante tomada nesta conferência, e que contrasta tanto com os anteriores ataques dos vermelhos de Moscú aos traidores amarelos de Amsterdão, foi a seguinte:

«Unir esforços para decidir a Internacional de Amsterdão a demonstrar a sua boa vontade aceitando uma conferência livre, incondicional e imediata com os representantes do movimento sindical russo».

Para realizar trabalhos neste sentido foi nomeada uma comissão mista, composta de presidentes e secretários dos dois movimentos, além de três membros de cada organismo.

As transigências do Estado com o capital particular

Segundo um discurso recentemente pronunciado pelo *leader* comunista, Marcelo Cachin, a revolução encontra-se triunfante na Rússia, e em que consiste em parte esse triunfo di-nó-lo «La Antorchas» de 24 de Abril findo, «o órgão do partido comunista de Espanha» — um artigo subordinado ao título, que estas palavras encerra.

Assim escreve o referido periódico: «Nos últimos dias realizou-se na Casa dos Sindicatos de Moscú, uma sessão de discussão sobre o tema da participação do capital particular no comércio».

Nesta discussão tomaram parte não só os representantes das organizações económicas do Estado e da cooperação, mas também o comércio particular esteve representado igualmente, por numerosos directores das Sociedades por acções, das Sociedades de Crédito Mútuo, dos Comités de mercados, etc.

O ponto de vista deste governo sobre o papel do capital particular no comércio no momento actual foi precisado de maneira mais clara pelo comissário do comércio interno, Scheinman, pelo presidente do Conselho da Indústria do Estado, etc.

Damos alguns extratos do discurso de A. L. Scheinman, comissário do Comércio Interior: «A indústria estende-se cada vez mais, os pedidos de mercadorias aumentam, o capital do Estado e da cooperação não bastam para satisfazer os pedidos dos consumidores».

Estando demonstrado que o consumo se estenderá cada vez mais no futuro e que o comércio comercial não poderá ser inteiramente assegurado pelo Estado e pela cooperação *um lugar livre para o comércio livre fica para o capital particular. O comércio particular pode ocupar este posto. Declaramo-lo francamente.*

Se o capital particular julga, que obterá vantagens em ocupar esse lugar, fá-lo há; senão, o governo sofrerá as consequências económicas, ver-se-á obrigado a procurar os meios necessários para poder assegurar inteiramente o intercâmbio comercial. *Este posto livre no intercâmbio comercial está assegurado nos mercados por muitos anos, eu vo-lo declaro.*

Na verdade, uma revolução «comunista» triunfante, que desce a discutir assuntos desta natureza, pode satisfazer talvez todos os revolucionários marxistas mais puros mas o que não satisfaz certamente são as aspirações das massas trabalhadoras à sua emancipação integral.

Bem sabemos que nos dirão que foi por culpa destas, que a revolução não avançou até onde devia ir, mas então nesse caso estava mais certo, e era mais honesto, que os políticos bolchevistas ao referirem-se a este facto, se exprimissem deste modo:

«O governo da Rússia, apesar dos sentimentos revolucionários e de energia da qual se dele tem feito parte, nada pôde conseguir no sentido de transformar a sociedade em benefício exclusivo das classes produtoras, porque estas não o apoiaram convenientemente, emprestando-lhe a força que para esse fim necessitava, e portanto, em vez de dirigirmos agora os nossos esforços para a conquista do poder, e constituição de novos governos, que de igual modo nada poderão fazer sem o concurso das massas, procuremos educar revolucionariamente o espírito destas, a fim de que de facto consigam por si emancipar-se e libertar-se totalmente dos males que sobre eles pesam».

Trotsky está em Moscú

Um telegrama lacónico enviado da Moscú para Paris, no dia 6, diz:

«Trotsky chegará amanhã a Moscú». E a segunda vez que Leão Trotsky, depois de batido na sua luta contra Zinovieff e exilado para o Cáucaso, volta para Moscú triunfante do seu rival.

A primeira vez que isto sucedeu, o ano passado, Trotsky deu que falar de si com a publicação do seu sensacional livro «1917» onde eram lançadas as mais graves acusações contra Zinovieff e Kameneff.

Estes responderam, e Trotsky venceu, não só foi banido, mas ficou privado de qualquer cargo.

No entanto, o chefe deposto, do exército vermelho, conservou um numeroso grupo de partidários no exército, no seio dos camponeses e da nova burguesia que viam nele um verdadeiro chefe.

Foi esta popularidade que obrigou o

MOVIMENTO INTERNACIONAL OPERARIO

Uma greve emocionante no Equador

O governo mandou chacinar o operariado que lutava por justas reivindicações

Declararam-se há tempos em greve na cidade de Guayaquil, república do Equador, os operários das Empresas dos Carrões Urbanos e da Luz Eléctrica.

Alegaram que o faziam por os obrigarem a trabalhar 20 horas por dia, pagando-lhes um salário miserável. A Federação dos Trabalhadores ao ter conhecimento deste movimento resolveu apoiá-lo moral e materialmente, abandonando o trabalho para este fim 10.000 dos seus membros.

Em seguida foram apresentadas ao gerente da empresa eléctrica, Marqués de la Plata, as reclamações do pessoal, às quais este respondeu, que tinha no interior do país homens capazes de virem trabalhar em vez de 20 horas 30 por dia, e por um salário ainda mais baixo.

A cidade durante alguns dias em poder dos trabalhadores

Em vista da resposta provocadora do Marqués de la Plata o tráfico da cidade paralisou totalmente, permanecendo durante três noites às escuras.

Intervieram, como é costume em toda a parte, os técnicos militares, mas ninguém conseguiu pôr em movimento os dinamos da fábrica.

A pesar de Guayaquil ter estado este tempo inteiramente à mercê dos operários não houve nem roubos, nem assassinatos.

A fúria sanguinária dos assassinos agalados

A burguesia estremeceu com a atitude desassombrada mas serena do proletariado, e a autoridade manifestou desejos de *parlamentar* com os operários. O governador Pareja, o chefe da polícia, Alejo Mateus e o general Barriga dirigiram-se escoltados por um bando de esbirros à Assembleia operária.

Uma vez ali parlamentar com a boca das suas pistolas. Entre a fusilaria da tropa uniformizada pereceram 900 operários, e os seus assassinos afirmaram em seguida, que se tratavam de bandidos e ladrões, como se os mortos pertencessem à sua classe. Mataram-se homens, que se encontravam sem armas para se defender. O corpo de «caçadores dos rios» esparquejava os cadáveres e atirava-os ao rio Guayas.

Segue-se a reacção contra os militantes operários

Em seguida fizeram os polícias, às ordens do sub-intendente de polícia, uma busca na sede da Federação dos Trabalhadores.

triumvirato do «bureau» do partido comunista a permitir que Trotsky voltasse para Moscú na mesma ocasião em que os Sôviets se vêem obrigados a fazer novas concessões ao capitalismo privado.

Ha quem diga mesmo, que se pensa em confiar a Trotsky a direcção da política económica da União Soviética, a presidência do Conselho Superior da economia nacional ou a do Conselho de defesa e do trabalho.

O Congresso geral dos Sôviets que reabriu no dia 8, parece que se ocupou da situação de Trotsky.

AS GREVES

Corticeiros de Alhos Vedros

Declararam-se em greve, em Alhos Vedros, os escolhedores de rolhas da firma Gomeiro & Pinto. Deu motivo a este conflito o facto dos industriais se terem recusado a admitir um escolhedor de rolhas, preterindo-o por uma mulher que é proprietária e estranha à profissão.

SOLIDARIEDADE

Pró-Alexandre Mata

E' hoje que se realiza, no Salão da C. Civil, a festa que um grupo de amigos promove em auxílio de Alexandre Mata.

O grupo dramático «Manuel Martinho» desempenhará o drama social, em 1 acto, «Amanhã», de Manuel Laranjeira, e as comédias «Maldita flor de laranjeira» e «Hotel modêlo». Toma também parte o grupo bandolinista «Os Lusos». Tem validade para esta festa os bilhetes com data de 19 de abril.

A favor duma biblioteca

No Sindicato Unico Metalúrgico, rua da Esperança, 122, 2.º (antigo 204), realiza-se hoje, pelas 15 horas, um espectáculo, cujo produto se destina a uma obra de grande interesse para o operariado em geral e dos jovens em especial — a biblioteca da secção juvenil metalúrgica.

Este espectáculo estava marcado para 26 de abril último, mas tendo podido realizar-se devido à suspensão de garantias.

Constam do programa vários entre-actos sociais e um certame de fados.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

O delegado deste organismo procurou ontem o ministro da Guerra para tratar do despedimento dos operários das obras do campo entrenchado; não estando este senhor falou com o sr. Tavares, capitão de engenharia, a quem expôs a situação em que se encontram esses operários, agravada ainda com a crise de trabalho que se desenvolveu nos concelhos de Cascais e Oeiras. Esse senhor disse ao delegado que iria junto do sr. ministro da guerra expor o assunto, mas que ele não podia ser tratado senão para o princípio da semana que vem, ficando o delegado de procurar este senhor na próxima quarta-feira.

Tratou também da situação dos operários que se encontram ainda sem trabalho, procurando na próxima segunda-feira o administrador dos edificios públicos para o mesmo fim.

balhadores. Como era noite e a luz era escassa, disseram que os que lá estavam, se preparavam para «limpar armamentos» e por isso os prenderam. Dezoito seguiram sob escolta, e os restantes conseguiram fugir pelo tecto, saltando telhados e paredes.

Dos presos, três foram destrerrados: Luís Maldonado, Abel Gonzalez e Obdulio Droil, mas, apesar das perseguições, os reaccionários não conseguiram desfazer as organizações de Guayaquil.

O congresso da C. G. T. Unitária

Numa recente reunião o conselho confederal da C. G. T. Unitária decidiu realizar um congresso em Paris a 26 de Agosto, ao mesmo tempo que o da velha C. G. T. reformista.

Diz a C. G. T. U. que conta agora mais 50.000 sindicados, e o mesmo afirma a C. G. T., de forma que contribuindo a divisão, para que de tal modo aumentem os efectivos sindicais, mais vale que a unidade nunca se realize!

A libertação de Enrique Magon

Depois de terem estado cinco meses presos em Melchor Ocampo, México, foram libertados Enrique Magon e doze camponeses pertencentes ao sindicato rural «Ricardo Flores Magon».

Conforme noticiamos em devido tempo, estes camaradas foram presos quando estavam reunidos em casa do camponês Felipe Cervantes, tratando dos preparativos duma velada social. A casa foi assaltada pela soldadesca ebraia às ordens do governo militarista-trabalhista do México, que sem consideração pelas mulheres e crianças presentes, apontou as armas a todos! que lá se encontravam, no meio dos maiores insultos.

Enrique Flores Magon, que em virtude de ter estado tanto tempo preso, perdeu os clientes que tinha como tradutor, encontra-se novamente em situação difícil, sem trabalho e sem recursos.

A vida deste camarada, assim como da sua valorosa companheira Tereza Magon, e de seu irmão Ricardo Flores Magon, morto por falta de cuidados numa penitenciária dos Estados Unidos, tem decorrido sempre no meio dos transe mais cruéis, em consequência da sua dedicação à causa dos oprimidos, o que os torna por esse motivo merecedores de toda a consideração e de toda a solidariedade por parte da classe trabalhadora de todo o mundo.

A condenação de Manuel Ramos

Urge evitar a sua entrada na Penitenciária

Noticiamos já a iníqua confirmação da sentença que condenou Manuel Ramos, e que, contra todas as praxes estabelecidas no julgamento no Supremo Tribunal de Justiça fez-se sem conhecimento do seu advogado de defesa, tendo já sido dada ordem para Manuel Ramos ser internado na Penitenciária.

Pretende Manuel Ramos optar pela sua ida imediata para Africa. Mas isto custa muito dinheiro, e é necessário, para que ele o possa fazer, que todos os seus amigos e camaradas, que até hoje o têm auxiliado, lhe prestem mais uma vez a solidariedade de que necessita com a máxima urgência, para evitar-lhe a insuportável permanência na Penitenciária, já que resultou inútil, devido ao incarnado ódio contra ele injustificadamente desencadeado, a solidariedade que até agora lhe fôra prestada.

Não deixarão certamente os operários, que se têm interessado pela situação de Manuel Ramos, de mais uma vez contribuir para facultar-lhe o que para ele representa uma inadiável necessidade.

Operários do Estado que não recebem o seu salário

Tendo *A Batalha* no dia 6 do corrente publicado uma notícia com esta epígrafe, em que dizia que os operários das obras do Palácio Nacional de Cascais, assim como os da Escola de Reformas em Cascais, não recebiam fêria há 2 semanas e tendo o delegado da Bolsa de Trabalho e Solidariedade tratado do assunto, pessoa de confiança veio ter com este camarada, dizendo que a falta do pagador em fazer as fêrias foi derivado às folhas não serem entregues ao pagador por terem ficado fechadas na gaveta do chefe da contabilidade, sr. Viriato e não como se disse ao delegado que se o pagador não fez as fêrias foi devido a não estar pessoal nas obras.

Contra as deportações

União dos Sindicatos Operários do Pôrto

O conselho federal da União dos Sindicatos Operários do Pôrto ocupou-se das perseguições exercidas pelo governo Vitorino Guimarães contra o operariado. Nesse sentido aprovou um veemente protesto que em telegrama pretendeu fazer chegar ao governo.

Porém, por ordem superior, o referido telegrama não pôde seguir o seu destino, tendo aquele organismo protestado contra a violência.

Núcleo Juvenil do Pôrto

O Núcleo da Juventude Sindicalista do Pôrto, reunido em assembleia geral, aprovou um veemente protesto contra a deportação dos 18 operários para Angra do Heroísmo.

SAPATEIRO

Ajudante com prática de salto forrado, precisa-se R. Suabino de Sosa, 64, 1.º Esq.

A Actualidade no estrangeiro

NA INGLATERRA

O Congresso do partido trabalhista independente

Realizou-se, recentemente, em Gloucester, o Congresso do partido trabalhista independente, inglês.

Neste Congresso, ouso-se pela primeira vez apreciar e criticar a acção exercida por Mac Donald, quando no poder, a favor do socialismo e contra o capitalismo.

Chegou-se à conclusão que ele nada tinha feito a favor da classe trabalhadora, tendo sido simplesmente, como os outros governantes seus antecessores, um agente defensor do regime capitalista burguês.

Gracias à sua acção, os armamentos foram aumentados, as organizações operárias espiadas e perseguidas, o plano Dawes aprovado e os povos do Egipto e da Índia maltratados.

Depois de apreciar estes factos, o Congresso declarou-se contra a política de Mac Donald, que tem sido continuada pelo actual governo conservador — não revolucionária foi ela — e, oxalá que, não se limitando a afirmações, o partido trabalhista independente saiba proceder agora com mais «independência» de que o fez o seu correligionário Mac Donald.

NA ALEMANHA

Os socialistas alemães pedem a anulação da eleição de Hindenburg

BERLIN, 6.º — Segundo informa a *Gazeta de Voss*, o partido socialista pediu oficialmente à comissão de verificação das operações eleitorais para que anulasse as eleições do dia 26 de Abril.

O partido socialista pretende que foram cometidas numerosas irregularidades, em variados lugares, no decurso da acção eleitoral, e que essas irregularidades foram de molde a influenciar sensivelmente o resultado das eleições.

A VOZ DA CADEIA

Pró-Biblioteca dos presos sociais

Esta biblioteca, que ao constituir-se teve numerosas e valiosas adesões dos militantes e do proletariado, registando animadas ofertas de livros de vários autores, sente-se desde há tempos da falta de quaisquer oferecimentos, não podendo, infelizmente, corresponder cabalmente aos fins para que foi criada.

Contando apenas com 122 volumes, havendo dois e três exemplares da mesma obra, estão, por assim dizer, prestes a ser lidos, tanto pelos presos do Grupo B, onde está instalada, como das outras prisões, por onde correm na sua nobre missão educadora.

E' certo que contamos também com 112 folhetos de propaganda revolucionária e de cultura social, mas, à força de serem compulsados, esses folhetos encontram-se já em deplorável estado de conservação, sendo imperiosa e inadiável a sua substituição por novos exemplares.

Vimos fazer, portanto, um apêlo aos leitores de *A Batalha*.

Todos vós deveis oferecer qualquer obra à Biblioteca dos Presos Sociais.

E mais do que isso: aos escreveres para as pessoas de vossas relações, sejam ou não de ligações directas com o movimento operário, falai-lhes nesta Biblioteca, incitai-os a que se caducem o vosso gesto, oferecendo-nos o que puderem dispensar.

E' justo que nos ajudem a desenvolver esta obra, criada e mantida até ao ponto em que está com ingentes sacrificios dos vossos irmãos presos.

Livros, folhetos, revistas, jornais ou quaisquer valores, devem ser dirigidos à: Biblioteca dos Presos Sociais — Cadeia do Limoeiro, Grupo B — Lisboa.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação de Tanoaria. — Reúniu o conselho federal com a presença dos delegados dos seguintes organismos: Tanoeiros do Pôrto, Gaia, Lisboa, Almada e Esmeris. Trabalhadores de Armazéns do Pôrto, Gaia, Lisboa e Mecânicos em Madeira de Lisboa.

O expediente constava de um ofício do Sindicato dos Tanoeiros do Pôrto e Gaia, e cópia da exposição entregue ao governador civil do Pôrto, em reforço da que a Federação na mesma ocasião em Lisboa entregou ao ministro das Finanças, contendo as várias reclamações respeitantes à crise de trabalho; ofício do tesoureiro da Federação justificando a sua forçada ausência para o Bombaral e pedido de substituição do seu cargo; ofício da U. S. O. de Faro, informando da vitalidade do Sindicato dos Trabalhadores de Armazéns na aquela localidade, etc.

O delegado dos Tanoeiros de Lisboa inquiriu do Conselho se a paralisação nacional na indústria no p. p. dia 27 de Abril, é ou não o produto da unanimidade deliberada da anterior reunião do Conselho, obtendo do camarada secretário geral resposta afirmativa. Estranha que assim tenha sucedido, e que o delegado dos mecânicos em madeira tivesse no decurso do movimento afirmado o contrário, deixando-o mal colocado na sua acção fiscalizadora durante aquele tempo.

Fausto Teixeira esclarece devidamente o assunto.

Os delegados dos Tanoeiros do Pôrto, Gaia e Almada envia para a mesa uma proposta, para que o assunto seja devidamente esclarecido na presença de todos os interessados. Aprovada.

O secretário geral informa o Conselho detalhadamente do movimento geral e nacional da indústria no dia 27 de Abril passado, constatando-se pela correspondência recebida a sua bela coesão, e alude às providências governamentais para solução da crise de trabalho segundo o imediato despacho dado pelo ministro das Finanças, ficando o Conselho satisfeito pelos resultados obtidos.

Seguidamente esclarece a execução dada pela comissão administrativa às resoluções tomadas na última reunião do Conselho

Um articulista infeliz

A Federação dos Rurais responde às considerações dum partidário da I. S. V.

Reúniu a Federação dos Trabalhadores Rurais para apreciar um artigo, inserto no órgão dos partidários da I. S. V., no qual o sinatário, M. F. Quartel, discorda de resoluções tomadas por este organismo.

A Federação — diz — é o agregado dos sindicatos de indústria, os quais destacam os seus melhores militantes, isto é, aqueles que pelos seus dotes de inteligência e actividade revelam uma maior soma de conhecimentos e competência.

Esta federação luta com falta de tais elementos, e Quartel, que não desconhece isto, quando convidado a auxiliar os poucos elementos que neste organismo trabalham, recusou-se.

E vem agora dizer que a missão da federação não deve limitar-se a um problema local, que a federação tem uma função mais lata, competendo-lhe impedir a baixa de salários e melhorá-los, e bem assim, diminuir e unificar o horário de trabalho.

Tudo isso a federação tem feito, como se prova com circulares dela emanadas, a que os sindicatos não têm sabido corresponder especialmente aqueles que seguem a orientação preconizada, por M. F. Quartel, os que mais desorganizados se encontram, reinando entre eles um confusãoismo prejudicial aos seus interesses.

Diz o articulista ter a federação o dever de publicar estatísticas. A isto responde-nos nós, ter sido este organismo o que mais estatísticas tem publicado, tanto de produção como de consumo, as quais mereceram a consideração do V congresso da indústria rural, realizado em Evora em fins de 1923.

Diz mais o autor do artigo que a federação deve publicar o seu boletim mensal, para elucidar todos os federados dos trabalhos que realize. E' esse também o nosso maior desejo, mas estamos impossibilitados de o fazer por falta de recursos financeiros, devendo-se isto, em grande parte, aos organismos que, alheados da orientação sindicalista, se têm deixado arrastar por indivíduos que estão fazendo o seu jogo político, embaraçando-lhes o funcionamento.

Que os federados não conheçam a orientação dos seus delegados no conselho federal — afirma o articulista.

Até à data ainda nenhum organismo se manifestou em desacordo com a orientação do seu delegado, e se esse caso se desse o delegado daria conta dos seus actos ao sindicato que representasse, mas só a ele.

Não tem Quartel o direito de criticar a acção desta central, porque ela é de trabalhadores rurais e não de funcionários públicos, e porque podendo auxiliá-la, recusou-se a fazê-lo, como acima dizemos.

Esta federação lamenta a atitude tomada por esse antigo componente da classe que representa, e declara não querer prolongar de forma alguma esta questão, por considerar o nenhum lucro que disso adviria para a organização.

Evora, 5-V-1925. — A comissão administrativa da Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais Portugueses.

que igualmente satisfazem. Apreciando-se a situação do tesoureiro, é nomeado João de Almeida para ocupar aquele cargo, interinamente.

O delegado dos tanoeiros do Pôrto e Gaia, chama a atenção da Comissão Organizadora do 2.º Congresso Corporativo para ainda não viu, desde a sua nomeação dar andamento aos trabalhos que lhe estão inerentes, situação esta que se não compadece nem com tempo de que se dispõe, nem tão pouco com a transcendência dos assuntos a levar ao Congresso.

A Comissão justifica a morosidade com que tem tratado do assunto, comprometendo-se a dar-lhe o incremento indispensável visto terem cessado as causas que a forçaram à imorabilidade nos seus trabalhos respeitantes ao Congresso.

O delegado dos Tanoeiros de Lisboa propõe a nomeação do delegado dos Tanoeiros de Almada, para a Comissão do Congresso em substituição do camarada Manuel da Costa, devido a este não ser assíduo às reuniões. Aprovado.

Foi largamente apreciada a orientação do Conselho Confederal, todas as suas manifestações na vida económica, política e social do proletariado que representa, sendo resolvido officiar ao mesmo Conselho informando-o da disposição do proletariado da indústria de Tanoaria em face das suas fórmulas de acção.

S. U. dos Trabalhadores de Limpezas e Pinturas de Navios no Pôrto de Lisboa. — A Comissão Administrativa deste Sindicato, reunida em sua sessão, resolveu declarar-se demissionária, até à realização da assembleia geral. Igual procedimento tiveram os delegados à U. S. O., à Federação Marítima e ainda o delegado da classe.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Compositores tipográficos. — Às 13 horas, a direcção, juntamente com o quadro do *Diário da Tarde*, para um assunto urgente e importante.

DIAS PRÓXIMOS:

Fragateiros do Pôrto de Lisboa. — Reúne amanhã, às 20 horas, assembleia geral.

Manipuladores de Pão. — Reúne amanhã a comissão administrativa e de melhoramentos, devendo comparecer todos os colaboradores para prestarem contas. E' indispensável que venham munidos do expediente.

Impressores tipográficos. — Reúne na terça-feira, às 19 horas, a direcção.